



Twitteratura - A arte literária em microespaços virtuais¹

Adriana MARANHÃO²

Joane Leôncio de SÁ³

Mônica dos Santos MELO⁴

Robson Teles GOMES⁵

Faculdade Frassinetti do Recife, Recife, PE

RESUMO

O trabalho propõe uma análise acerca da prática literária realizada por escritores e poetas contemporâneos na rede social denominada Twitter. Na Twitteratura enquanto fenômeno, gêneros literários passam por reconfiguração, caso dos nanocontos. Outras manifestações literárias, como os aforismos, frases de efeito poético, reflexões também são exploradas. A fundamentação teórica se ampara em autores como Pierre Lévy, Antônio Carlos Xavier, em virtude do interesse em se esmiuçar o ciberespaço como palco da arte literária. Autoras como Regina Zilberman e Marisa Lajolo fundamentam os estudos que envolvem a questão da leitura e do leitor no meio digital. Entre os adeptos da literatura no microblog, serão analisados os autores Fabrício Carpinejar, Marcelino Freire, Edson Rossato, Rinaldo de Fernandes, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: twitteratura; literatura; ciberespaço; internet; twitter.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Pós- Graduação da Faculdade Frassinetti do Recife. Especialização em Literatura Brasileira. Email: adrianamaranhao2002@yahoo.com.br

³ Estudante de Pós- Graduação da Faculdade Frassinetti do Recife. Especialização em Literatura Brasileira. Email: joaneluz@yahoo.com.br

⁴ Estudante de Pós- Graduação da Faculdade Frassinetti do Recife. Especialização em Literatura Brasileira. Email: monicasantostmelo@gmail.com

⁵ Orientador do trabalho. Professor auxiliar da Universidade Católica de Pernambuco e professor do Colégio Santa Maria. Cursando o Doutorado em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Paraíba. Email: robtel_30@yahoo.com



1. O Fenômeno Literário no Ciberespaço

O fascínio hoje exercido pelo ciberespaço, seja sobre profissionais em seus desktops, artistas, intelectuais, jovens, terceira idade, seja sobre o público infantil, é proporcional à sua dimensão. Trocando em miúdos, é simplesmente sem limites. Ainda que os termos tenham se popularizado, tanto quanto o alcance da operacionalização de dispositivos, ferramentas e plataformas virtuais, torna-se necessário pontuar, neste estudo, o conceito daquilo que se convencionou chamar ciberespaço e cibercultura:

O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p.17)

Dominando as leis específicas que regem tal ambiente – ou, de maneira exagerada, “deixando-se dominar” por elas, tamanho o envolvimento dos usuários pelas potencialidades do meio digital -, a sociedade passa a ter um funcionamento próprio, diferente de quando outros eram os meios midiáticos preponderantes. A atualidade é considerada uma era digital, repleta de adventos tecnológicos em constante evolução. O computador, a internet transformaram o funcionamento (*modus operandi*) da humanidade.

Os avanços tecnológicos neste âmbito modificaram as formas de produção, de convivência e comportamento. McLuhan considera a configuração das sociedades a partir dos veículos de que ela se utiliza. Assim o homem da era da imprensa provavelmente não acionava tantos sentidos em sintonia com “numerosas forças de comunicação” como o homem na contemporaneidade (LUCAS, 2001, p.12).

Este convite a uma vivência multissensorial se justifica pela tendência contemporânea à hipertextualização dos documentos. Hipertexto entendido por Xavier (2009, p. 107) como um “dispositivo ‘textual’ digital semiolinguístico (dotado de elementos verbais, imagéticos e sonoros) on-line, isto é, indexado à Internet com um domínio URL ou endereço eletrônico localizável na World Wide Web”. Convém



ressaltar que para Marcuschi (2005, p.186), o hipertexto não é um fenômeno do meio estritamente eletrônico ou exclusividade do mundo digital. É o hipertexto um verdadeiro mix discursivo de emaranhados textuais que nos bombardeiam todos os dias. No entanto, serão aqui enfocados os hipertextos eletrônicos e suas nuances.

Os hipertextos eletrônicos muitas vezes são definidos por uma visão tradicional da língua, como uma espécie de desestabilização ao padrão estrutural estável. Talvez por sua natureza virtual e volátil, onde a coerência se dá de maneira bastante particular. No entanto, para a linguística textual tal observação parece imprudente, já que o texto não é uma peça cognitiva autônoma meramente guiada pelas teorias de linearização. São características predominantes dos hipertextos eletrônicos: a não existência de um centro discursivo ou vetor que o direcione ou o determine; a ausência de contornos nítidos sobre os seus limites; o espelhamento deste como um feixe de possibilidades semânticas.

Em virtude de o hipertexto possibilitar a realização de múltiplas leituras, vários percursos possíveis, a partir de um texto matriz, é possível afirmar que leitura e escrita se confundem, em certa medida. Superando a condição de leitor, o internauta participa e costura seu próprio texto (acionando os *hyperlinks*, por exemplo), dentre os vários arranjos ofertados pelo hipertexto. As implicações da operacionalização e linguagem virtuais sobre a escrita e a leitura, uma vez que exige a recorrência a estratégias cognitivas diferenciadas, serão analisadas mais detidamente adiante.

Sobre os fundamentos norteadores da expansão do ciberespaço, a citar a interconexão, a geração de comunidades virtuais e a inteligência coletiva, Lévy (1999, p. 127) destaca:

A cibercultura aponta para uma civilização da telepresença generalizada. Para além de uma física da comunicação, a interconexão constitui a humanidade em um contínuo sem fronteiras, cava um meio informacional oceânico, mergulha os seres e as coisas no mesmo banho de comunicação interativa. A interconexão tece um universal por contato.

O ciberespaço efetiva relações outrora somente latentes. No que diz respeito à configuração da comunidade virtual, baseada na interconexão, o mesmo autor frisa que as interações on-line não devem ser confundidas com relações frias. Isso porque podem envolver emoções fortes. “Além disso, nem a responsabilidade individual nem a opinião pública e seu julgamento desaparecem no ciberespaço” (LÉVY, 1999, p.128). Pelo



contrário, os usuários, a exemplo do que acontece com a literatura praticada em nanoespaços virtuais, têm a possibilidade de mergulhar no universo ficcional de autores de sua predileção, inclusive, entrar em contato com eles.

Já com relação à questão da responsabilidade individual, as plataformas digitais, como o Twitter, tornaram-se verdadeiras tribunas nas quais os cidadãos se posicionam sobre assuntos de interesse nacional, tornam-se militantes virtuais em nome de causas sociais, lançam campanhas, mobilizam outros usuários para intervir na sociedade, entre outras ações. A apropriação das novas mídias pelos meios intelectual e artístico reflete, pois, a exploração de uma multiplicidade de tribunas em favor da exposição da opinião pública.

Adentrando em nosso objeto de estudo, é oportuno frisar que essa exploração do ciberespaço deve ser entendido não apenas pela sedução exercida pelas novas mídias, como também pela adequação de postura dos escritores (nossa fonte de interesse) quanto às exigências do mercado editorial. Não à toa, estão os autores, em ritmo crescente, realizando intervenções performáticas em espaços diversos, participando de festivais, saraus e encontros na área, na tentativa de fazer sua obra e suas visões de mundo atingirem maior alcance de público. Estar conectado consiste, nesse sentido, em uma questão de estratégia para se alcançar visibilidade.

Portanto, a arte virtual e, no caso de nosso foco de estudo, a Twitteratura, ou a literatura praticada na rede social Twitter, é uma resposta artística às demandas da contemporaneidade, bem como canal de escoamento de produção de escritores e espaço de divulgação da imagem deles. Vale ressaltar que tal inclinação condiz com os pressupostos da era da imagem. Além da necessidade de representação da memória e existência fragmentada, que se traduzem na capacidade de se expressar de forma rápida e clara. O escrever pouco e dizer muito.

É fato que a pluralização e maior alcance das novas mídias pressupõe reconfiguração, entre outros, no campo das artes, em termos de fazer criativo e de “recepção”. Despontam, nesse sentido, alguns traços da expressão artística ambientada nesses espaços virtuais, a contar:

[...] a participação nas obras daqueles que as provam, interpretam, exploram ou leem. Nesse caso, não se trata apenas de uma participação na construção do sentido, mas sim uma co-produção da obra, já que o ‘espectador’ é chamado a intervir diretamente na atualização (a materialização, a exibição, a edição, o desenrolar



efetivo aqui e agora) de uma sequência de signos ou de acontecimentos. (LÉVY, 1999, p.135-136)

E num desdobramento desta característica a de que a arte virtual se fundamenta na colaboração, num percurso que se alinhava a partir da interação de artistas e partícipes. Lévy (1999, p.136) sugere ainda a característica da ciberarte baseada no *work in process*. As obras ou as experiências surgidas estariam, por assim dizer, inacabadas, passível de acréscimo de um novo aspecto, seja pelo “espectador”, seja pelo dono da iniciativa, do *start/insight* original.

A partir dessa interação, dos mecanismos que possibilitam a criação coletiva, a cibercultura testemunha a reconfiguração de gêneros textuais e literários explorados na rede.

Geoffrey Numberg [...] observa que alguns dos gêneros textuais permanecerão em seus formatos impressos, enquanto outros dividirão a sua existência entre os suportes impresso e digital, e ainda outros tantos serão finalmente digitalizados (XAVIER, 2009, p.87).

Costa (2005, p.104) recupera Bakhtin, para quem os gêneros se situam nas práticas sociais da linguagem e tomam vulto com as experiências acumuladas no curso da História, e Bronckart, segundo o qual:

[...] a dimensão textual subordina-se à dimensão discursiva produzida na interação verbal. Neste caso: os gêneros textuais são produtos histórico-sociais, existindo diferentes tipos de acordo com os interesses e as condições de funcionamento das formações sociais; a emergência de novos tipos de gêneros textuais pode estar ligada à aparição de novas motivações sociais e circunstâncias de comunicação ou a novos suportes de comunicação; os gêneros textuais estão em movimento perpétuo: desaparecem, voltam sob formas parcialmente diferentes, ou surgem novos gêneros; não se pode estabelecer claramente as fronteiras entre eles [...] (*apud* Costa, 2005, p. 104).

Assim, possivelmente, em virtude das tais motivações sociais – interatividade, imediatismo, instantaneidade -, das tais circunstâncias comunicacionais – o meio eletrônico – e de “novos” suportes, como a tela, é que despontam gêneros literários (estendendo a questão de gêneros textuais) renovados, reconfigurados, ainda que os escritores tentem preservar, em certa medida, marcas dos gêneros tradicionais da arte literária. Em outras palavras, o ofício de contar histórias se renova a partir da disposição



de escritores em adaptar os gêneros à nova realidade, que valoriza a brevidade, a concisão, a fragmentação.

2. A Reconfiguração do Leitor e a Questão da Autoria

É recorrente a discussão de que os meios digitais (computador, internet, mídias sociais) teriam contribuído para o desinteresse e a escassez da leitura. Nesse sentido, haveria uma crise na Literatura, a partir da falta de leitores. Muitas questões são evocadas a partir dessa discussão. Pelo menos dois pontos serão aqui enfocados: o *Leitor* e a *Literatura*. A que tipo de leitor estaríamos nos referindo, e que tipo de literatura é essa que, segundo alguns, é massacrada pelo estopim tecnológico.

Certamente não serão necessárias maiores reflexões para constatar que os conceitos de leitor e de literatura evocados nesta discussão não estão sendo bem definidos. E se houver alguma tentativa que os defina, nesta direção dicotômica, estaria essa definição norteada sob luz de correntes tradicionalistas que desconsideram eventos comunicativos que fogem a uma linearidade previamente conhecida. Outra hipótese seria, de um modo geral, a pouca aceitabilidade por parte da academia do uso de meios digitais, enquanto palco para o desenvolvimento do fazer literário.

O fato é que um contingente numeroso de indivíduos diariamente se utiliza dos meios digitais como forma de acesso aos mais diversos textos. Inclusive ao texto literário. Seria improcedente ratificar a ideia de escassez da leitura associada à crescente revolução tecnológica como a aqui caracterizada.

A informática, além de contribuir para produção editorial, desde a formatação, impressão e distribuição nesse âmbito, possibilita, isto sim, o estímulo à leitura, uma vez que:

O acesso à realidade virtual depende do domínio da leitura e, assim, esta não sofre ameaça nem concorrência. Pelo contrário, sai fortalecida, por dispor de mais um espaço para sua difusão. Quanto mais se expandir o uso da escrita por intermédio do meio digital, tanto mais a leitura será chamada a contribuir para a consolidação do instrumento, a competência de seus usuários e o aumento de seu público. (LAJOLO e ZILBERMAN, 2009, p. 31)

Pensando-se historicamente sobre as diversas práticas de leitura e escrita, percebe-se que as revoluções no plano prático são bem mais lentas do que as



tecnológicas. Talvez pelo fato de as práticas tecnológicas se mostrarem menos inibidas do que as práticas de escrita convencionais. A primeira se joga no campo do uso sem a necessidade nem compromisso com estudos que a expliquem ou justifiquem. Portanto, é possível afirmar que as novas formas de ler acontecem de forma gradual devido à própria natureza lenta de seu processo formativo.

Feita esta observação, é oportuno registrar que, uma vez no universo virtual, o leitor lança mão de mecanismos que o solicita para a realização de leituras simultâneas, no sentido que ele pode navegar por diferentes janelas. Atrelado a esta característica está o fato de ele poder, de modo ativo, costurar pela tela seu próprio percurso literário, ou seja, sem se prender à linearidade exigida pela fruição de uma obra impressa. O hipertexto, ou o autor, oferece uma multiplicidade de caminhos, como os *hyperlinks*, assim o usuário passa a optar, a decidir que rumo da matéria tratada seguir. Reforçando, o formato do hipertexto, com sua variedade de *links*, permite que o usuário trafegue por uma sobreposição de discursos, acionados por ele.

Esse tipo de universo, com suas idiossincrasias, exige do usuário o desenvolvimento de algumas habilidades ou competências para ler e escrever, já que se trata de uma escritura interativa em rede. O escritor e o leitor devem levar em conta a situação de comunicação em razão da leitura virtual e do modo de estruturação hipertextual das informações. (COSTA, 2005, p. 111)

Mais que a interatividade do internauta com o texto, importa aqui a própria conexão do leitor com o autor, aquela entidade outrora revestida da fina flor da inacessibilidade. Isso porque a internet incitou uma outra concepção de autoria. Como salienta Andrade (2010, p. 47), atualmente, é comum o contato direto do leitor com o autor, sem necessidade da intermediação por parte de jornalistas, agentes, profissionais da editora, por exemplo. Segundo o crítico, isso leva a uma “desconstrução da aura que envolvia a figura do escritor, tirando-o do pedestal distante da alta cultura e colocando-o nos labirintos digitais do hiperespaço”. Raciocínio em sintonia com o que Lévy (1999, p.136-137) pensa sobre a questão:

[...] participação ativa dos intérpretes, criação coletiva, obra-acontecimento, obra-processo, interconexão e mistura dos limites, obra emergente - como uma Afrodite virtual – de um oceano de signos digitais, todas essas características convergem em direção ao declínio (mas não ao desaparecimento puro e simples) das duas figuras que

garantiram, até o momento, a integridade, a substancialidade e a totalização possível das obras: o autor e a gravação.

E falar nesta reconfiguração da noção de autoria é também resvalar na hoje já famigerada ideia quanto à suposta substituição do suporte impresso pelo digital. No entanto, é fato que o livro continuará servindo de fetiche a quem não prescinde da experiência sensorial, da possibilidade de fazer marcações, anotações, voltar com facilidade a um trecho quantas vezes se fizer necessário à sua compreensão. É, antes de tudo, uma questão de afeição ao objeto de leitura e às suas dedicatórias.

[...] creditar a crise no modo de produção cultural a uma possível mudança no meio ou no suporte para sua veiculação (do livro à tela, por exemplo) não me parece uma preocupação razoável. As práticas intelectuais de um povo não são determinadas pelos instrumentos tecnológicos de que dispõe para realizá-las, ainda que sejam parcialmente condicionadas por eles. (XAVIER, 2009, p.90).

Outro ponto a se destacar é que a disseminação desses dispositivos tecnológicos favorece a democratização do fazer literário, de modo que muitos leitores se convertem em “escritores”, publicando na rede. Algo que pode se traduzir também na disposição colaborativa dos internautas, no sentido de que ele pode vir a replicar a intervenção literária de um dado autor na rede, ou se inspirando neste escritor para também ele (o leitor) postar conteúdo de efeito estético.

Por último, é relevante destacar, em comunhão com o que pensa Andrade (2010, p.48), que ainda que hoje seja mais fácil a interação do leitor com seus escritores preferidos por meio da plataforma digital, o próprio fazer literário encerra, em seu bojo, e resguarda o mínimo de distanciamento entre o sujeito-autor e o sujeito-leitor:

Uma ‘proximidade distante’ seria o novo pano de fundo das relações entre autor e público. O mundo do livro, diferente deste nosso mundo digital, estava marcado por uma ‘distância-próxima’. Mesmo distante o autor estabelecia uma proximidade pela capacidade de proporcionar uma experiência artística, existencial e afetiva. Hoje, concretamente acessível, ele continua sendo autor, ou seja, sua realidade textual e ficcional que, antes de ser anulada é, muitas vezes, intensificada pelos novos meios de difusão de informação; continuam incontornáveis. A atual ‘proximidade-distante’ não aboliria o caráter de deslizamento do sujeito da escrita, materializado por Pessoa, e que seria uma premissa do ato criativo. Ou seja, o escritor, o poeta, sempre será essa entidade simuladora, travestida, deslizante, a quem cremos ingenuamente confiar nossos segredos. Há sempre, seja na rede ou fora dela, um certo grau de distância entre eles e seus leitores.



Não apenas a literatura, nas suas mais diversas manifestações, está a sugerir se tratar de uma obra de caráter aberto, inacabado, como também se revela indispensável a realização de revisões frequentes sobre o ato da escrita, a prática da leitura e a relação autor-leitor.

3. Eu twitto, Tu twittas, ele twitta

Sem contar blogs ou pelepas virtuais, estes últimos dos quais se encarrega a pesquisadora Maria Alice Amorim, e tantas outras formas de praticar literatura no meio virtual, este estudo se ampara nas intervenções literárias que tem o Twitter como plataforma privilegiada. Sempre tendo em mente a possibilidade que o microblog oferece aos leitores de intervirem naquelas postagens dos perfis dos autores de sua predileção, seja com sugestões, seja repercutindo a frase de efeito, reflexões ou nanonarrativas, seja se inspirando no texto do escritor para também postar o seu, com vistas a atingir igualmente efeito estético. A escolha do vocábulo mais representativo no infinito universo léxico, bem como a disposição das letras são, nesse sentido, fatores preponderantes.

Dentre os perfis de escritores e poetas contemporâneos entusiastas do microblog, destaca-se o do autor gaúcho Fabrício Carpinejar, que costuma postar aforismos. A partir de uma expansão de sentido, como apregoa Moisés (2004, 13), aforismo é entendido como máxima. Em outras palavras, frases de efeito com viés filosófico, moral, de fundo poético, ou político.



Perfil de Carpinejar com postagem de aforismos. Disponível em: <http://twitter.com/#!/carpinejar>

O pernambucano Marcelino Freire iniciou um projeto com vistas a publicar, na rede social sob análise, os 1.001 contos nanicos. Rinaldo de Fernandes, escritor e professor paraibano, posta todos os dias, ao meio-dia, um miniconto no endereço @Ufernandes. Por exemplo, no microconto de título “O Gesto”: “O gesto o fez tremer, sofrer muito. Passados anos, ainda se lembra. Chora, pende no travesseiro. Olha para a porta. E só”. Ou o expressivo "O Desprezo": “Não há desprezo que não mereça o troco. A borboleta amarela, que vivia com a azul, voou para a verde, que amava a azul” (<http://twitter.com/#!/Ufernandes>).

Constata-se o esforço de, mediante a brevidade, o autor tentar, dentro destes novos e mínimos moldes, expressar ironia ou comover o leitor com uma cena impactante, conforme faria na linguagem e estrutura do conto tradicional.

Tendo em seu acervo pessoal o livro de sua autoria “Curta-Metragem”, que reúne contos com até 600 caracteres, e editar as coletâneas “Expresso 600” e “Histórias Liliputianas”, Edson Rossatto, escritor e editor, assina o projeto “Cem Toques Cravados”, fruto da postagem, com seu perfil no Twitter, de nanocontos que escreveu utilizando-se de exatos 100 caracteres.

Engrossando o grupo de escritores em sintonia com as demandas de seu tempo, o cineasta e escritor pernambucano Wilson Freire se vale do seu @freirewilson para postar no microblog aquilo que equivaleria a capítulos de um romance. Em seu projeto experimental, ele almeja liberar 140 capítulos, cada qual com até 140 caracteres!



Perfil de Wilson Freire no Twitter com capítulos de romance. Disponível em: <http://twitter.com/#!/freirewilson>

Observa-se que o autor tenta manter a interligação entre os supostos capítulos do romance experimental. Eles chegam a perfazer uma sequência lógica. A poeta Lucila Nogueira também enriquece o dia a dia de seus “seguidores” publicando frases de efeito poético e o escritor e psicanalista Contardo Calligaris cutuca os que o seguem com provocações, reflexões sobre relacionamentos e sobre o próprio exercício literário.

A partir dessas experiências, emergem novas nomenclaturas - caso dos microcontos, nanocontos -, que designam uma forma de os autores exercitarem a literatura e adaptarem o fazer literário a plataformas tecnológicas, a suportes que estejam em alta no seu tempo. Uma implicação dessas intervenções dos autores nos nanoespaços é, a partir da geração de um perfil, a criação de um personagem para si mesmos. Caso de Carpinejar, um verdadeiro porta-voz sagaz dos percalços dos relacionamentos amorosos.

Outro importante ponto passível de reflexão quando se põe em destaque a literatura realizada em nanoespaços virtuais é que, do mesmo jeito que os escritores partem do papel para a tela, eles, embora postem seus microtextos, poemas e aforismos na internet, sentem a necessidade do caminho inverso. Assim, eles querem também ver no meio impresso a condensação de suas experiências literárias na internet. O livro “www.twitter.com/carpinejar”, do autor gaúcho, é rebento deste processo. Iniciativas neste sentido talvez sejam motivadas basicamente pela identificação por parte dos



escritores de que os leitores ainda que, inebriados pela cultura digital, não abrem mão da experiência sensorial proporcionada pela brochura impressa:

As pessoas ainda gostam do ritual de ‘pegar’, ‘cheirar’ e ‘abraçar’ o conteúdo. Enquanto houver essa expectativa, haverá publicação de conteúdo em forma de livro, com lançamento, autógrafos e coquetéis. Hoje podemos dizer que o suporte digital divulga bem as ideias que são ratificadas pela impressão⁶

Fica evidente, então, que a renovação do fazer literário, dentro ou fora da rede, requer reposicionamento também daqueles responsáveis pelo exercício da crítica e os olhos atentos dos acadêmicos em virtude de que a multiplicidade com que a literatura hoje se rearranja insinua-se como promissor objeto de análise.

REFERÊNCIAS

- BEIGUELMAN, Giselle. **O livro depois do Livro**. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- COSTA, Sérgio Roberto. (Hiper)textos ciberespaciais: mutações do/no ler-escrever. Cad. **Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 65, p.102 - 116, jan./abr. 2005
- ANDRADE, Fábio. Escrita e Simulação. Autoria e Contemporaneidade. **Eita!**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2010. Ano 3. Número 5
- COSTARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (Org.). **Letramento digital: Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2005.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: ED. 34, 1999
- LUCAS, Fábio. **Literatura e Comunicação na era da eletrônica**. São Paulo: Cortez, 2001
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004
- OLIVEIRA, Poliana Barbosa Martins de. Literatura eletrônica: um ensaio aproximativo. **Hipertextus** (www.hipertextus.net), n.4, Jan.2010

⁶ Antonio Carlos Xavier, professor em Linguística do Departamento de Letras da UFPE e coordenador do Núcleo de Estudos de Hipertexto e Tecnologias Educacionais (Nehte), afirmou essa posição em entrevista à Folha de Pernambuco, publicada no dia 5 de janeiro de 2011



TWITTER. Perfil de Fabrício Carpinejar. Disponível em: <http://twitter.com/#!/CARPINEJAR>. Acesso em 15 julho 2011

TWITTER. Perfil de Wilson Freire. Disponível em: <http://twitter.com/#!/freirewilson>. Acesso em 15 julho 2011.

TWITTER. Perfil de Marcelino Freire. Disponível em: <http://twitter.com/#!/MarcelinoFreire>. Acesso em 15 julho 2011.

TWITTER. Perfil de Lucila Nogueira. Disponível em: <http://twitter.com/#!/lucnog>. Acesso em 15 julho 2011.

TWITTER. Perfil de Rinaldo de Fernandes. Disponível em: <http://twitter.com/#!/Ufernandes>. Acesso em 15 julho 2011.

TWITTER. Perfil de Edson Rossatto. Disponível em: <http://twitter.com/#!/edsonrossatto>. Acesso em 15 julho 2011

TWITTER. Perfil de Contardo Calligaris. Disponível em: <http://twitter.com/#!/ccalligaris>. Acesso em 15 julho 2011

XAVIER, Antonio Carlos. **A Era do Hipertexto**: linguagem e tecnologia. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009

ZILBERMAN, R. ; LAJOLO, Marisa . **Das tábuas da lei à tela do computador**. A leitura em seus discursos. 1. ed. São Paulo: Ática, 2009. v. 1. 176 p .

100% Conectados. **Folha de Pernambuco**, Recife, Programa, p. 1, 5 janeiro 2011. Entrevista concedida a Mônica Melo